

# Literatura infantil brasileira (1968), de Leonardo Arroyo, e a literatura infantil como produção cultural

Vivianny Bessão de Assis

**Como citar:** ASSIS, V. B. Literatura infantil brasileira (1968), de Leonardo Arroyo, e a literatura infantil como produção cultural. *In:* MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 173-206. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p173-206>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## 5.

### *Literatura infantil brasileira (1968), de Leonardo Arroyo, e a literatura infantil como produção cultural*<sup>76</sup>

---

*Vivianny Bessão de Assis*

#### **Introdução**

*O presente trabalho, pela sua própria natureza, de modo algum pretende ser obra definitiva. Procura talvez, pelos métodos utilizados na sua composição, o título menos ambicioso de apresentação de coordenadas pioneiras, com a inventariação, tanto quanto possível completa, e ainda assim não poucas vezes deficiente, do fenômeno da literatura infantil no Brasil [...].*

(ARROYO, 1968, p. 17).

Com as palavras desta epígrafe, escritas logo no início do “Prefácio do Autor” e publicadas na primeira edição do livro

---

<sup>76</sup> Neste texto, apresento resultados finais de pesquisa de doutorado (Bolsa CAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Marília (SP), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosario Longo Mortatti. Essa pesquisa está vinculada à linha “História da literatura infantil e juvenil” do GPHELLB – Grupo de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil”. O GPHELLB está organizado em torno de tema geral, método de investigação e objetivo geral, que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral — ensino de língua e literatura no Brasil — se subdivide em seis linhas de pesquisa: “História da formação de professores”; “História da alfabetização”; “História do ensino de língua portuguesa”; “História do ensino de literatura”; “História da literatura infantil e juvenil” e “Memória e história da educação”. O GPHELLB tem como líder a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosario Longo Mortatti e como vice-líder a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Fátima de Souza.

*Literatura Infantil Brasileira* (1968), Leonardo Arroyo justifica a escolha pelo subtítulo: “Ensaio de preliminares para a sua História e sua Fontes”. Esse subtítulo demonstra a total consciência de Arroyo sobre o ineditismo de seu estudo e sintetiza a sua identidade de pesquisador e escritor que observa o fenômeno da literatura infantil do ponto de vista histórico, a partir das fontes que foram reunidas por ele ao longo de uma vida de muita leitura e trabalho. As “coordenadas pioneiras” que apresenta nesse livro, sobretudo quando organiza as “fases da nossa literatura infantil”, tornaram-se seu maior legado, consagrando esse livro como a obra mais conhecida de Arroyo, mas não a única, na qual tematizou a literatura infantil. Por isso, com este texto, apresento um esforço de síntese que reúne a produção *de e sobre* literatura infantil menos conhecida de Arroyo e a sua compreensão da literatura infantil enquanto fenômeno cultural<sup>77</sup>.

Conforme mencionei, foram selecionados para análise da configuração textual<sup>78</sup> o conjunto da produção escrita de Leonardo Arroyo *de e sobre* literatura infantil. A análise da configuração textual desse conjunto de textos incidiu em focar os seguintes aspectos:

---

<sup>77</sup> O conceito de cultura utilizado por Arroyo nesse livro está baseado na abordagem de Fernando de Azevedo em *A cultura brasileira*, de 1943, a partir de uma concepção clássica, francesa e alemã de cultura, cujo foco da análise “[...] incide diretamente sobre a produção, a conservação e o progresso dos valores intelectuais, das ideias, da ciência e das artes, de tudo enfim que constitui um esforço para o domínio da vida material e para a libertação do espírito” (AZEVEDO, 2010, p. 32). Está contida aí a ideia de “progresso” e de “evolução” da cultura que pode ser transmitida por um sistema educativo que cada povo forma, conserva e transmite por gerações.

<sup>78</sup> O conceito de configuração textual, proposto por Mortati (2000, p. 31), consiste em focar: “[...] o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão”.

quem era Leonardo Arroyo? Qual o conceito de literatura infantil neles apresentados? A quem se destinavam? Em qual momento histórico foram publicados? Para isso, inicialmente apresento aspectos da biografia multifacetada desse jornalista, historiador e escritor, as características da literatura infantil escrita por ele, suas reflexões sobre esse tema e a contribuição do livro *Literatura Infantil Brasileira* (1968) no conjunto da produção de sua época.

Leonardo Arroyo (1918-1985)<sup>79</sup> é neto de família portuguesa, seus avós maternos vieram de Portugal entre anos de 1910 e 1911, fixando residência na cidade de Caieiras (SP). Arroyo nasceu na cidade de São José do Rio Preto (SP), em 26 de fevereiro de 1918, cidade em que viveu grande parte do seu período escolar.

Entre 1938 e 1940, concluiu o curso ginásial na cidade de Santos (SP) e, com 18 anos, iniciou a carreira de jornalista em sua cidade natal. Em 1940, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, mas abandonou a faculdade no 2º ano do curso para se dedicar ao jornalismo. Em 1942, foi diretor e redator da seção “Página literária” do jornal *Folha de S. Paulo*, permanecendo nesse jornal por mais de 30 anos. Além de sua atuação como jornalista, Arroyo é autor de diversos livros de literatura, livros de literatura infantil, de crítica literária e livros que contam aspectos da história de São Paulo.

---

<sup>79</sup> Essas informações foram extraídas dos seguintes textos e autores: Melo (1954); Coelho (2006); Sant’Ana (2002); Jornal *Folha da Manhã*; Jornal *Folha da Noite* – antigos títulos do jornal *Folha de S. Paulo* e documentos da Academia Paulista de Letras (APL).

Leonardo Arroyo faleceu em 13 de agosto de 1985, com 67 anos de idade, no Hospital Sírio-Libanês, na cidade de São Paulo (SP), em decorrência de derrame cerebral e pneumonia.

A carreira de jornalista de Arroyo acompanhou de forma concomitante as suas atividades como escritor e historiador. A sua atuação profissional foi múltipla e diversificada, assim como a sua produção escrita, caracterizada pela diversidade de tipos de textos, pelo longo período de sua produção e pela versatilidade do escritor.

Além de sua atuação como escritor, Arroyo foi membro de nove instituições diferentes ligadas à área da cultura e da literatura no Brasil. Atuou como membro da Comissão Estadual de Cultura da Secretaria de Cultura do estado de São Paulo, dirigiu duas revistas também ligadas à cultura: a *Revista do Arquivo Municipal* e a *Revista da Academia Paulista de Letras*, instituição da qual foi membro atuante por 15 anos.

Frequentou, durante 20 anos, a “Pensão Humaitá”, confraria de amigos, artistas, políticos e intelectuais que se reuniam para tomar vinho, comer e conversar sobre diferentes assuntos ligados a cultura e a gastronomia. Em decorrência de sua paixão pelos vinhos e pela comida brasileira, Arroyo tematizou a culinária regional enfocando aspectos históricos e sociológicos da cultura do Brasil, valorizando o léxico dessa área e a “[...] dinâmica transformadora da língua e da cultura”. (BELLUZZO, 2013, p. XII).

O interesse de Arroyo pela cultura pode ser observada também em alguns temas de seus livros, tais como: *A cultura popular em Grande sertão: veredas* (1984), *Armazém Literário* (Acheugas ao

Modernismo) (1969); *Bertioga, chão de histórias* (1970); *Memória e tempo das igrejas de São Paulo* (1970); *São Paulo* (1977); *O Tempo e o modo* (1963) e *Agravos do tempo* (1976). Esses livros foram dedicados a cidade de São Paulo e aos diferentes aspectos da cultura dessa cidade e do Brasil.

Em 1969, Arroyo foi convidado para adaptar às condições brasileiras o livro *Guia dos pais na escolha de livros para crianças*, de Nancy Larrick (1969) devido aos seus conhecimentos sobre aspectos culturais do país, principalmente em relação ao mercado editorial brasileiro e aos livros destinados às crianças e jovens.

Os textos que localizei desse autor indicam que Arroyo iniciou a sua carreira de jornalista na década de 1940, mas também como escritor de livros para crianças, pois em 1946 adaptou uma coleção de contos clássicos infantis para a Editora LEP (SP). Assim, é possível observar que a literatura infantil foi objeto de interesse de Arroyo desde o início de sua atuação profissional, compreendida por ele como mais uma das lentes pela qual ele estudava a cultura brasileira.

### **Características da literatura infantil de Leonardo Arroyo**

Ao longo de sua atuação profissional, Arroyo teve publicados quatro livros de literatura infantil e um capítulo de sua autoria. Conforme comentei, foi também autor da adaptação de vários contos clássicos infantis publicados em 20 volumes, na coleção “Encantada” da Editora LEP (SP).

Os livros de literatura infantil de autoria de Arroyo foram os seguintes: *Você já foi à Bahia?* (1950); *História do Galo* (1950);

*Olavo Bilac* (1952); e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961), todos publicados editora Melhoramentos (SP). Esses livros apresentam os temas e espaços do ambiente rural que, segundo Lajolo e Zilberman (1984), foram idealizados para crianças durante as décadas de 1950 e 1960.

Outra tendência desses livros foi a tematização de regiões consideradas “exóticas” ou “selvagens”, como é possível observar em *Você já foi à Bahia?* (1950), pelo constante estranhamento do personagem Belito com a cultura da cidade de Salvador (BA), uma região que, embora fizesse parte do seu país, era totalmente desconhecida para ele.

Nos livros de Arroyo também é possível observar uma forte relação entre a literatura infantil e o ensino, como no caso dos livros *Você já foi à Bahia?* (1950); *Olavo Bilac* (1952) e no capítulo “Fulton: o mago do movimento” (1960). Esses livros e capítulo foram destinados à “juventude estudante do Brasil” com o objetivo de oferecer “[...] relatos leves mas vivamente agradáveis [...]” (ARROYO, 1952, n.p.) a respeito de escritores, inventores e pessoas importantes na história da humanidade, como Robert Fulton (1765-1815), um inventor e engenheiro estadunidense que projetou um submarino e um navio de guerra a vapor.

Diversos autores desse período escreveram livros de literatura infantil que estiveram em sintonia com os temas escolares. A relação entre a literatura e o ensino pode ser observada, por exemplo, em alguns livros de Monteiro Lobato, tais como: *História do mundo para crianças* (1933); *Emília no país da gramática* (1934); *Aritmética de Emília* (1935); *Geografia de Dona Benta* (1935); *Serões de Dona Benta* (1937); *História das invenções* (1935); a *Reforma da Natureza*

(1941), entre outros (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984). Outro padrão mencionado por Lajolo e Zilberman (1984) e observado nos livros de Arroyo é a projeção de uma criança ideal, no caso do livro *Você já foi à Bahia?* (1950).

Segundo Perrotti (1986), na década de 1960 em diante, tem início no Brasil, uma produção de literatura infantil de vertente mais crítica e, com ela, a abertura de um novo ciclo na literatura infantil brasileira, de tendência contestadora: narrativas que “[...] tematizam a pobreza, miséria, injustiça, marginalidade [...]”, autoritarismo, preconceito, entre outros (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 140). A partir desse período, também é possível observar mudanças nos enredos e nos personagens, pois “[...] deixaram de ser exemplares do ponto de vista dos valores dominantes [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 153), ou seja, o eu-lírico que narra as histórias o faz do ponto de vista da criança e não mais do adulto.

Conforme Perrotti (1986) afirma, após 1960, abandona-se o discurso “utilitário” nos livros infantis e tem início uma “nova tendência” denominada por ele, de “primado da estética”, em que escritores “[...] reclama[va]m a condição de artistas e desejavam que suas obras [fossem] compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralistas ou ‘pedagogos’”. (PERROTTI, 1986, p. 11).

Considero que essa transposição do discurso na natureza do livro infantil pode ser observada em três contos do livro *Estórias do Galo e do Candimba*, de Leonardo Arroyo (1961) – “Candimba, a onça e a girafa”; “O poço vigiado”; e “A sabedoria de Candimba” – principalmente no plano do enredo, dos personagens e do conteúdo que se quer transmitir, pois o personagem Candimba assume uma

tendência contestadora e irreverente muito diferente dos demais personagens apresentados por Arroyo até então.

Candimba provoca estranheza e reações polêmicas do ponto de vista social, pois não se associa à difusão de civismo e patriotismo, de linguagem modelar e de ensino dos contos anteriores. De acordo com Luft (2010), muitos autores e obras desse período, passaram a apresentar “[...] a criança capaz de rebeldia e de ruptura com a normatização do mundo dos adultos. Enfraquece, assim, a velha prática de representar nos livros infanto-juvenis apenas situações não problemáticas” (LUFT, 2010, p. 113).

Por outro lado, Perrotti (1986) afirma que esse “desejo de renovação” resultou, em muitos casos, em um conjunto de obras “equivocadas”, as quais reuniu sob o título de “utilitarismo às avessas” (PERROTTI, 1986, p. 23), pois, embora renovadas pelo fato de acolherem o ponto de vista da criança e não mais do adulto, sua dinâmica procurava *impor* um novo comportamento ao leitor. Esse fato criou novamente, um outro “[...] modelo de criança ideal [...]” que deveria ser seguido. (PERROTTI, 1986, p. 123).

Nesses três contos as mudanças de concepção de literatura infantil de Arroyo saltam aos olhos. É possível observar grandes alterações no estilo de escrita de Arroyo durante o intervalo de 11 anos entre a publicação dos quatro primeiros contos publicados originalmente em *História do Galo*, de 1950, e nos três últimos inseridos em *Estórias do Galo e do Candimba*, em 1961. Nos contos anteriores, os personagens infantis são representados como aqueles que sempre “erram” e precisam aprender a “lição” com os adultos. Nos contos recentes [1961], o personagem Candimba faz tudo o que deseja e assume uma tendência contestadora e irreverente na

literatura infantil, tão diferente dos demais que gera certa estranheza e reações polêmicas do ponto de vista social.

O livro *Olavo Bilac* foi publicado pela editora Melhoramentos (SP), como o 3º. volume da coleção “Grandes Vultos das Letras”<sup>80</sup>. Apresentava a biografia do escritor Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) que nasceu no Rio de Janeiro, foi um jornalista, poeta e inspetor de ensino. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo e à literatura. É conhecido por sua produção na área da literatura infantil e por sua atuação como republicano.

O capítulo “Fulton, o mago do movimento”, foi publicado no livro *Grandes vocações*, da Donato Editora, como o 3º. volume da coleção “Inventores”. O capítulo conta a história de Robert Fulton (1765-1815), um inventor e engenheiro estadunidense que projetou um submarino e um navio de guerra a vapor. Esses dois textos de Arroyo foram publicados em editoras diferentes, mas compuseram projetos editoriais muito semelhantes que buscavam valorizar a contribuição social dos sujeitos biografados.

Por meio do conjunto da produção *de* literatura infantil e juvenil de Arroyo: *Você já foi à Bahia?* (1950); *História do Galo* (1950); *Olavo Bilac* (1952); “Fulton: o mago do movimento” (1960); e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961), é possível observar concepções de literatura infantil diferentes e/ou contraditórias, que resultaram de determinada produção cultural de uma época, ora

---

<sup>80</sup> A coleção “Grandes Vultos das Letras”, da editora Melhoramentos teve como objetivo “[f]acultar à juventude estudante do Brasil uma série de biografias dos nomes mais significativos em nossas letras [...]. Cada trabalho foi escrito por autor conceituado, escolhido de per si pela grande simpatia e admiração que dedica ao vulto biografado e sua obra.” (ARROYO, 1952, n.p.).

influenciada pelos temas de coleções, pelas propostas editoriais ou pela força educacional do período.

A análise desse conjunto de livros demonstra a dinâmica transformadora da literatura infantil, ou, nas palavras de Perrotti (1986), os momentos de “crise” dessa literatura. Assim, Arroyo produz uma literatura infantil e juvenil múltipla e “vinculada” aos valores ou “modismos” de cada momento, conforme o conceito de literatura infantil teorizado por ele (do qual tratarei em seguida) que é, em muitos sentidos, determinado pela educação e pela cultura.

### **Características da produção *sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo**

Além dos textos *de* literatura infantil, Arroyo teve uma extensa produção *sobre* esse gênero literário. De acordo com Mortatti (2008, p. 45), reflexões mais sistematizadas *sobre* esse tema começam a ser desenvolvidas no Brasil, somente na primeira metade do século XX, a maioria na forma de ensaio, artigos ou manuais de ensino que acompanharam “[...] a produção *de* [literatura infantil], no final do século XIX e início do século XX.”

Os primeiros estudos de Arroyo sobre literatura infantil circularam sob a forma de artigos publicados no jornal *Folha de S. Paulo*. Os resultados obtidos por meio da pesquisa documental permitem compreender que, como crítico literário desse jornal por quase 30 anos, Arroyo colaborou tematizando a literatura infantil, bem como difundindo diferentes informações de escritores, livros, editoras, feiras, encontros, cursos de formação de professores e bibliotecários, bem como intelectuais que escreviam e/ou

publicavam livros infantis. Além disso, Arroyo escreveu um conjunto de textos que pode ser compreendido como o início de uma crítica literária específica sobre esse gênero no Brasil.

No Quadro 1, apresento os artigos de Arroyo *sobre* literatura infantil e temas correlatos, como leitura e livros para crianças, prêmios literários, feiras e exposições de livros infantis, publicados nos jornais *Folha da Manhã* e *Folha de S. Paulo*, entre 1959 e 1967, ordenados por ano, tema e quantidade.

Quadro 1

- Artigos de Arroyo *sobre* literatura infantil e temas correlatos, publicados nos jornais *Folha da Manhã* e *Folha de S. Paulo*, entre 1959 e 1967, ordenados por ano, tema abordado e quantidade

Tema	Crítica literária de e sobre literatura infantil	Reflexões sobre o escritor Monteiro Lobato	Concursos e prêmios de literatura infantil	Bibliot. e leitura	Feiras e exposições de livros infantis	Merc. Edit.	Total
Ano							
1959	1	-	1	-	-	-	1
1960	9	7	3	2	1	2	22
1961	5	2	1	-	-	-	8
1962	3	-	-	1	-	-	4
1963	5	1	-	-	-	2	6
1964	8	1	-	-	2	1	11
1965	1	3	-	-	1	-	5
1967	2	-	-	1	-	-	3
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>14</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>62</b>

Fonte: Assis (2016).

Os 62 artigos de Arroyo publicados nesses jornais marcaram o lugar da literatura infantil como tema importante da cultura brasileira, assim como o lugar das bibliotecas infantis, escritores, editoras e eventos literários ligados a esse público e a toda a “cadeia produtiva” (MORTATTI, 2008) que envolvia esse setor.

Com esses artigos, Arroyo produziu uma crítica literária específica a livros e autores de literatura infantil e juvenil e também contribuiu com reflexões *sobre* esse tema, apresentando professores e escritores que se dedicavam ao estudo dessa temática no Brasil. A atenção de Arroyo sobre esses assuntos confirma a versatilidade do autor como uma das características que marcam o conjunto da produção escrita de Leonardo Arroyo, desde o início de sua atuação profissional.

Considero que foi como jornalista que Arroyo constituiu-se e posicionou-se como crítico literário de livros para crianças, sempre apontando aspectos gráficos, estilísticos e de conteúdo que considerava importantes. Em muitos artigos, problematizou o “excesso de didatismo” nos textos infantis e a necessária “ficcionalidade” no mundo da criança. Ao afirmar isso, Arroyo fundamentava a sua análise no sucesso que sempre obteve os contos clássicos<sup>81</sup>.

A análise do conjunto de artigos de Arroyo publicados em jornais propiciou constatar quatro preocupações recorrentes em seus

---

<sup>81</sup> Na década de 1940, Arroyo pode experimentar o sucesso que os contos clássicos infantis alcançavam entre os leitores por meio da longevidade de uma coleção de contos infantis universais que foram publicados em 20 volumes na “Coleção Encantada” da Editora LEP (SP). Os títulos dessa coleção alcançaram a 13ª edição, sendo editados de 1946 a 1961.

textos: a organização da história da literatura infantil brasileira, a valorização da leitura, o desenvolvimento do comércio de livros infanto-juvenis e a valorização de bibliotecas infantis e escolares no Brasil. Pode-se compreender alguns dos aspectos que Arroyo considerava fundamentais para a formação do hábito de leitura das crianças e jovens, alguns deles é o papel quase exclusivo da escola e dos professores como formadores desse hábito naquele momento histórico.

Outro aspecto é a necessidade de políticas governamentais de acesso ao livro que envolvessem tanto o seu custeio, como campanhas de valorização da leitura envolvendo escolas, editoras e empresas privadas do Brasil. Assim, a compreensão de Arroyo sobre a formação do hábito de leitura estava em parte relacionada a institucionalização desse processo por meio da escola e da formação dos professores, mas também pela ampliação do mercado editorial nesse setor, por meio de novos autores, e a valorização do livro infantil como objeto cultural brasileiro.

Arroyo colaborou também com a publicação de oito capítulos e um livro sobre esse tema. Os capítulos foram publicados em dois livros de sua autoria: *O Tempo e o modo* (1963) e *Agravos do tempo* (1976), e o livro: *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* (1968), que se tornou o mais conhecido de toda a sua produção nessa área.

## **A literatura infantil como objeto de investigação e campo de conhecimento no Brasil**

Com o objetivo de situar a contribuição de Arroyo *sobre* literatura infantil no conjunto dos outros estudos que abordaram esse tema no mesmo período histórico e, a fim de compreender com quais autores Arroyo dialogava, apresento em forma de síntese o conjunto de reflexões *sobre* literatura infantil produzidos no Brasil, até a década de 1960, período em que Arroyo teve publicado a maioria de seus textos<sup>82</sup> *sobre* literatura infantil. Para isso, tomei como base algumas referências reunidas nos documentos: *Ensino de Língua e Literatura no Brasil*: repertório documental republicano (MORTATTI, 2003); e *Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil: 2003-2011* (BBHELLB) (MORTATTI, 2011). Esses documentos resultaram de Projetos Integrados de Pesquisa, coordenados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosario Longo Mortatti, entre os anos de 1999 e 2003; e 2009 a 2011, no âmbito do GPHELLB.

Por meio da análise do conjunto das referências reunidas nesses documentos, pude observar que, até o final da década de 1960, havia poucos estudos que abordavam historicamente a literatura infantil no Brasil. Os estudos existentes enfocavam diferentes aspectos, como: a sua utilização na escola primária; a relação entre a leitura e a criação de hábitos saudáveis de comportamento; e sua utilização para o desenvolvimento da leitura das crianças na escola.

---

<sup>82</sup> Após a década de 1960, localizei apenas dois textos de Arroyo *sobre* literatura infantil, são eles: o capítulo “Camões e os meninos”, publicado no livro *Agravos do tempo* (1976) e o artigo “Robinson Crusóé, um plantador baiano”, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* (1985).

De acordo com os documentos, até a década de 1960 foram publicados, no Brasil, o total de dez livros, dez capítulos de livros e 30 artigos *sobre* literatura infantil. Os livros foram os seguintes: *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* (1907), de Alexina de Magalhães Pinto; *Problemas da literatura infantil* (1951), de Cecília Meireles; *A literatura infantil de Monteiro Lobato, ou comunismo para crianças* (1957), de Sales Brasil; *Literatura infantil* (1959), de Nazira Salem; *Interpretação da literatura infanto-juvenil no nordeste* (1960), de Paulo Rosas; *Poesia na escola: orientação didática* (1966), de Alaíde Lisboa de Oliveira; *Criança e literatura* (1968), de Tereza Casassanta; *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*; de Leonardo Arroyo (1968); *Guia dos pais na escolha de livros para crianças: útil também a professores e administradores escolares* (1969), de Nancy Larrick; e *Fantasia, violência e medo na literatura infantil* (1969), de Ofélia Buisson Cardoso.

Arroyo esteve diretamente envolvido na publicação de dois desses livros, *Literatura infantil brasileira* (1968), de sua autoria, e *Guia dos pais na escolha de livros para crianças* (1969), de Nancy Larrick, com a adaptação à cultura brasileira e um texto de apresentação. Esses dados são indicativos de um intenso envolvimento de Arroyo com esse tema durante a década de 1960 e que ele se destacava na publicação de livros sobre literatura infantil.

Outro dado que pode ser observado nesses documentos é que a produção de livros *sobre* literatura infantil no Brasil teve início efetivo a partir da década de 1950, especificamente, após o livro *Problemas da literatura infantil* (1951), de Cecília Meireles. Antes dessa publicação, havia sido publicado apenas um livro sobre esse

tema: *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* (1907), de Alexina de Magalhães Pinto.

Além desses livros, nesse período, haviam sido publicados dez capítulos de livros *sobre* esse tema, são eles: “Espaço provisório de uma biblioteca infantil”, de Alexina Magalhães Pinto (1907); “Literatura infantil”, de Afrânio Peixoto (1923); “Poesia infantil”; “Literatura infantil” e “Livros para crianças”, de Tristão de Athaíde ([19--?]; 1929; 1966); “A formação e a conquista do público infantil”, de Fernando de Azevedo [1948]; “Literatura infantil e juvenil”, de Lourenço Filho (1957); “A arte de escrever para a infância”, de Thales Castanho de Andrade (1958); “Aspectos da literatura infantil na escola primária”, de Consuelo da Silva Dantas (1958); “Literatura infantil brasileira”, de Leonardo Arroyo (1963) (MORTATTI, 2003; 2011).

Esses dados apontam que Arroyo teve um capítulo publicado sobre o assunto, no entanto, por meio da pesquisa documental, pude identificar que a contribuição de Arroyo por meio de capítulos foi maior, totalizando sete capítulos *sobre* literatura infantil e um capítulo sobre leitura e o mercado editorial para a infância, publicados em dois livros que mencionei: *O tempo e o modo* (1963) e *Agravos do tempo* (1976).

Nesses capítulos, Arroyo discute que a literatura destinada à infância não era considerada “literatura” como aquela produzida para o público adulto e, por isso, não havia alcançado ainda a autonomia necessária para se desvincular de uma literatura destinada ao público escolar. Arroyo tratou também da necessidade de pesquisas brasileiras sobre esse tema e dos problemas com a linguagem ao adaptarem-se ao sistema escolar brasileiro.

Outro tema importante para Arroyo nesses capítulos foi o desenvolvimento do mercado editorial para crianças, pois a impressão de livros custava muito caro. Além dos altos custos que inviabilizavam a aquisição de livros, critica o método de alfabetização utilizado nas escolas, pois não incentivava a prática da leitura (ARROYO, 1963; 1976). De acordo com Arroyo, a leitura e o acesso ao livro não eram uma atividade presente na cultura brasileira, no cotidiano do cidadão comum, por isso, precisava da escola e de um método de alfabetização adequados para se estabelecer.

A leitura reivindicada por Arroyo não se restringia ao “puramente literário”, mas a tudo o que contribuísse para o desenvolvimento social e cultural da população. Desse modo, é possível observar que a compreensão de Arroyo *sobre* a literatura infantil está profundamente ligada ao acesso ao material impresso e à relação histórica entre a leitura e a escola brasileira.

Essas e muitas outras reflexões de Arroyo *sobre* a leitura e a literatura infantil foram reunidas e ampliadas no livro *Literatura infantil brasileira* (1968).

### ***Literatura Infantil Brasileira* (1968) no conjunto da produção sobre o tema**

*Literatura infantil brasileira* (1968) sintetiza a trajetória de pesquisas de Arroyo sobre esse tema. Nele, Arroyo apresenta diferentes conceitos de literatura infantil que existiam à época e estudos *sobre* esse tema que vinham sendo desenvolvidas no Brasil e no exterior. Além disso, organiza e apresenta os documentos que

preservou ao longo de sua trajetória como escritor e jornalista, com os quais pode escrever esse livro.

Conforme mencionei, até a publicação de *Literatura Infantil Brasileira* (1968) havia poucos estudos de abordagem histórica sobre a origem e a produção *de e sobre* literatura infantil no Brasil. De todo o conjunto de textos mencionados nos documentos *Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano* (MORTATTI, 2003) e *Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil: 2003-2011* (BBHELLB) (MORTATTI, 2011), foi possível constatar a existência de apenas cinco estudos que podem ser considerados de abordagem histórica *sobre* literatura infantil, ao longo desse período.

Dentre eles, constam três livros e dois artigos: o artigo “Como aperfeiçoar a Literatura Infantil”, do professor e psicólogo Manuel Bergström Lourenço Filho, escrito em 1943, e publicado na *Revista Brasileira*; o artigo “A literatura infantil numa perspectiva sociológica”, do professor e sociólogo Fernando de Azevedo, publicado em 1952, na revista *Sociologia*; e os livros *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles (1951); *Literatura infantil*, de Nazira Salem (1959); e *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968).

Pelo fato de alguns desses textos terem sido analisados por outros pesquisadores, tais como Mortatti (2001; 2008)<sup>83</sup>; Bertoletti

---

<sup>83</sup> Trata-se dos artigos “Leitura crítica da literatura infantil”, publicado na revista *Itinerários* e “Literatura infantil e/ou juvenil: a ‘prima pobre’ da pesquisa em Letras?”, publicado na revista *Guavira*.

(2007)<sup>84</sup> e Oliveira (2014)<sup>85</sup> apresento, sucintamente cada um deles, com o objetivo de verificar, comparativamente, a contribuição de Arroyo em relação ao que já havia sido produzido sobre o tema e em que aspectos o seu livro *Literatura infantil brasileira* (1968) avançou com contribuições inéditas para esse campo de conhecimento.

O artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de Lourenço Filho (1943), embora não seja o primeiro texto *sobre* literatura infantil brasileira<sup>86</sup>, é considerado, nesta pesquisa, com base em Bertolotti (2007) e Mortatti (2008), como o primeiro que propõe a organização e sistematização da produção desse gênero literário no Brasil. Organizado em oito seções, esse artigo apresenta categorias de análise que envolveram a criação, produção, circulação e crítica da literatura infantil no Brasil.

Lourenço Filho (1943) inicia sua argumentação apresentando um resumo histórico desse gênero literário na Europa e destaca a oscilação entre a “literatura didática”, característica da escola, e a “literatura infantil”, entendida como “arte”, que segundo os estudos da psicologia, promulgados no Brasil pelos ideais escolanovistas, contribuía com a formação do “espírito da criança”.

Com base nessa distinção entre “literatura escolar” e “literatura recreativa”, o autor considera que a literatura infantil é

---

<sup>84</sup> Trata-se do capítulo “A produção brasileira sobre literatura infantil e juvenil (1943-2004)”, publicado em *Pesquisa em Educação: política, sociedade e tecnologia*.

<sup>85</sup> Trata-se da tese intitulada *História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo (1947-2003)*, de Fernando Rodrigues de Oliveira, orientada pela Profª. Drª. Maria do Rosario Longo Mortatti, no âmbito do GPHELLB.

<sup>86</sup> No livro *Um Brasil para crianças – Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e texto*, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986), as autoras disponibilizam vários textos, tais como prefácios, apresentações e correspondências, que foram produzidos por brasileiros desde o final do século XIX. Nesses textos, é possível observar as primeiras tematizações sobre a leitura, literatura infantil e bibliotecas escolares no Brasil.

um gênero específico e se destina a um público também específico e, por isso, a literatura infantil precisa respeitar a evolução psicológica da criança. Para ele, a literatura infantil tem como finalidade a emoção estética, é produzida para exprimir o belo e para o “deleite do espírito”, no entanto, ressalta que ela deve servir a um fim prático que é o de contribuir para o desenvolvimento psicológico infantil.

Como critérios para o “aperfeiçoamento” da literatura infantil, o autor propõe “estímulos aos autores nacionais” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 167), palestras, conferências, publicação de folhetos, organização de bibliotecas especializadas, estímulos a autores, ilustradoras e editoras, concursos e prêmios nessa área. Nesse sentido, Lourenço Filho (1943) apresentou um panorama ampliado sobre esse tema e indicou categorias de análise para esse campo de conhecimento específico.

O livro *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles (1951), resulta de três conferências ministradas para professores em um curso de férias, no ano de 1949, a pedido da Secretaria da Educação de Belo Horizonte (MG). O livro tem 19 capítulos todos breves e em tom ensaístico, em que abordam três assuntos: a literatura oral (folclore); a compreensão da autora sobre a literatura infantil; e os aspectos morais presentes nos livros para crianças.

Meireles (1951) afirma que definir ou conceituar a literatura infantil não é tarefa fácil porque exige a confluência de três elementos: a “moral”, a “instrução” e a “recreação”. Meireles (1951) entende que a literatura para adultos e a literatura para crianças era uma só, com base nessa perspectiva, a criança é quem deveria escolher a “literatura infantil” que lhe agradasse, com isso: “Não

haveria, pois uma leitura a ‘priori’, mas ‘a posteriori’” (MEIRELES, 1979, p. 19). Assim, a escolha dos livros deveria ser feita pelas crianças, pois os adultos costumavam subestimá-las quanto à crítica e ao gosto pela arte.

No artigo “A literatura infantil numa perspectiva sociológica”, Fernando de Azevedo (1952) analisa a leitura e o crescente mercado de livros de literatura infantil como um novo fenômeno cultural. Para ele, as crianças e os adolescentes passaram a ocupar um novo lugar nas sociedades modernas, constituindo-se como uma classe antes não percebida.

Azevedo (1952) afirma que o impresso, o rádio, a televisão, o circo, o teatro, entre outros, atuavam influenciando, principalmente, a este novo público. Portanto, para ele, tornava-se necessário estudar as instituições responsáveis pela produção de bens culturais voltados à infância, tais como editoras, livrarias, tradutores, governos, financiadores e a própria escola. O autor destaca, ainda, a escola pública obrigatória para crianças de sete a 12 anos, no caso brasileiro daquele período, como o principal fator de desenvolvimento da literatura infantil no Brasil. Portanto, estudar as instituições responsáveis pela produção e circulação dos livros é tão importante, para Azevedo (1952), quanto estudar o livro, o autor e o leitor, visto que, todos estão envolvidos nessa “forma social” analisada por ele.

O livro *Literatura infantil*, de Nazira Salem (1959), então consultora da Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”, centra-se na história da literatura infantil mundial, principalmente, em relação aos livros adaptados para a língua portuguesa que, segundo a autora, oportunizaram o “aparecimento da literatura infantil” no Brasil.

Esse livro foi produzido com o intuito de fornecer material de apoio para a disciplina “Literatura Infantil”<sup>87</sup> na Escola Normal do estado de São Paulo.

A autora organizou o livro em duas partes: a primeira, intitulada “Esboço histórico da literatura infantil: da antiguidade clássica até nossos dias”, com quatro capítulos e a segunda “Compilação de biografias e bibliografias”, com dois capítulos. Na primeira parte, a autora apresenta como se originou e se desenvolveu a literatura infantil na Europa, onde muitos textos, embora escritos para adultos, figuravam nas bibliotecas infantis como leituras apropriadas para a infância.

Ainda na primeira parte de seu livro, destaca a atuação do professor Carlos Jansen na tradução de clássicos estrangeiros e os “precursores” brasileiros de nossa literatura infantil. Na segunda parte do livro, a autora apresenta 82 breves biografias de autores desde a Antiguidade Clássica até o século XX, seguidas de suas bibliografias.

Considero que esses textos assemelham-se quanto à busca por uma conceituação da literatura infantil, por meio de um discurso que reivindica a valorização desse gênero como arte literária. Produzido em um momento histórico que dialoga com esses textos, *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968), avança em direção a outros aspectos poucos explorados e em relação à organização e sistematização histórica da literatura infantil brasileira, principiada por Lourenço Filho.

---

<sup>87</sup> Sobre a história da disciplina “Literatura infantil” nos cursos Normais de formação de professores, ver, especialmente, Oliveira (2014).

***Literatura Infantil Brasileira (1968):***  
**enfoque, organização e estrutura**

Ao contrário dos demais estudos, livro *Literatura infantil brasileira* (1968) de Arroyo baseia-se em bibliografia estrangeira publicada na França, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha, Alemanha e na Itália, com o objetivo de apresentar as “[...] diversas fases da nossa literatura infantil e não da análise crítica [...]” dessas fases (ARROYO, 1968, p. 18). Por meio da análise de documentos antigos, reunidos ao longo de vários anos, como catálogos de editoras, livros de memorialistas, estudos sociológicos e depoimentos de leitores, Arroyo (1968) organizou essas “fases” em seis momentos diferentes: a conceituação de literatura infantil; a tradição oral ou folclore; a literatura escolar; a imprensa escolar; o teatro; e finalmente o “modelo ideal” de literatura infantil que, segundo ele, foi criado por José Bento Monteiro Lobato.

Publicado na coleção “Biblioteca de Educação” da editora Melhoramentos (SP), que fornecia “modelos” de educação e de saberes necessários à profissão docente (CARVALHO; TOLEDO, 2004), o livro *Literatura infantil brasileira* (1968) recebe o prefácio de Lourenço Filho e é elogiosamente apresentado como um “estudo básico” sobre o tema, com “[...] documentação muito abundante, haurida em livros, artigos de jornal e mesmo correspondência particular [...]” que lhe conferem “[...] na bibliografia da especialidade uma posição de real preeminência [...]” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 12).

Com base nas primeiras edições impressas no Brasil e em Portugal, direcionadas às crianças, Arroyo (1968), estabeleceu uma historiografia da literatura infantil brasileira e formulou uma

narrativa sobre a “origem” desse gênero literário no Brasil. A partir de depoimentos de memorialista, apresenta leituras para crianças que circulavam em cada momento histórico, explicitando a forte ligação desse gênero com a escola.

Arroyo (1968) trata do início da formação de um “sistema” de ensino durante o Brasil Colonial e o período do Império, que propiciou a formação do livro infantil. Para ele, o precário desenvolvimento da “educação primária” e o difícil acesso aos livros contribuíram significativamente para o “tardio” desenvolvimento da literatura infantil brasileira. As primeiras leituras produzidas para crianças, confusas e misturadas, do ponto de vista do presente, são tomadas por Arroyo (1968) como a “gênese” do processo de formação da literatura infantil propriamente dita, “[...] porque provocaram o hábito de ler nas crianças” (ARROYO, 1968, p. 65).

A partir dos livros de leitura, tem início um conjunto de textos chamados por Arroyo (1968) de “literatura escolar” que foram desenvolvidas no Brasil entre os séculos XIX e XX, e que trouxeram em seu fundamento, um desejo de reação contra a influência estrangeira trazida pelos professores de outros países e pelo material de leitura utilizado por eles na formação leitora das crianças brasileiras.

A contribuição da imprensa escolar e infantil foi de forma inédita, em relação aos demais estudos, apresentada por Arroyo (1968) nesse livro, como os “pilares da cultura escrita” no Brasil e, por meio da qual é possível compreender a “[...] pré-história da literatura infantil brasileira” (ARROYO, 1968, p. 133).

Arroyo (1968) empenhou grande esforço em reunir nomes de escritores, professores e intelectuais brasileiros que escreveram os primeiros livros nacionais para crianças, destacando as coleções infantis e o papel das editoras Garnier, Laemmert, Quaresma, Melhoramentos, entre outras, na formulação de projetos que visavam “popularizar” o livro infantil.

Destacou o empenho de professores na organização de catálogos e bibliotecas de livros infantis que orientassem a leitura das crianças brasileiras, tais como: Figueiredo Pimentel; Alexina de Magalhães Pinto; Arnaldo de Oliveira Barreto e Lenyra Camargo Fraccaroli, apresentando a distinção entre a “literatura infantil” e a “literatura escolar”, a partir da “renovação” provocada por Monteiro Lobato.

Além desses aspectos, o livro de Arroyo (1968) apresenta uma bibliografia com 176 nomes entre autores brasileiros, franceses, norte-americano, espanhóis e italianos; índice onomástico com 12 folhas contendo os nomes dos escritores citados no livro; e lista contendo 20 catálogos de acervos consultados. Esses aspectos contribuem para confirmar a cientificidade e rigor da pesquisa que, segundo Mortatti (2011, p. XVIII), é “[...] obra de maturidade em relação a sua produção intelectual”.

O livro de Arroyo, portanto, não apresenta preocupação didática em “ensinar” professores a “ensinar” literatura infantil para as crianças na escola primária, como faziam os manuais de ensino publicados naquele momento histórico, uma vez que o seu enfoque, sua organização e estrutura foram outros. O interesse de Arroyo foi o de sistematizar os marcos históricos da literatura infantil brasileira, por meio da organização de autores, editoras, livros e dos diferentes

tipos de textos disponíveis para a leitura impressa das crianças ao longo de quase um século na história do Brasil.

Publicado pela editora Melhoramentos (SP), que se firmou como uma das principais editoras brasileiras em assuntos educacionais, *Literatura infantil brasileira* (1968) foi apresentado por Lourenço Filho como científico e teórico, desvincilhado do âmbito das práticas e, assim, calcado no princípio da Escola Nova que propunha pensar a educação como um campo científico (MAGNANI, 1997).

De acordo com informações presentes na quarta capa de *Literatura infantil brasileira* (1968), ele foi o único livro cujo tema era a literatura infantil, publicado na série “Grandes Textos” da Editora Melhoramentos (SP), pois a maioria dos títulos dessa série abordavam temas das áreas de psicologia e sociologia<sup>88</sup>. Assim, esse livro, bem como o tema nele abordado, alcançam a posição de “relevante” e “necessário” para a renovação educacional do país.

Anunciado como pesquisa e vindo de Arroyo, sujeito do circuito da cultura, esse texto passa a representar as bases científicas dos estudos sobre história da literatura infantil coerentemente relacionado com os livros publicados nessa coleção, por essa editora e por seu prefaciador. Portanto, *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968), assenta esse tema em outro patamar ligado

---

<sup>88</sup> Alguns dos livros publicados nesse período e mencionados na quarta capa do livro de Arroyo foram: *Teoria e pesquisa em Sociologia* (1965), de Donald Pierson; *Noções de Psicologia* (1959), de Iago Pimentel; *Pequena história da Educação* (1936), de Madres Peeters e Cooman; *Elementos de Psicologia* (1978), de Iva Wisberg Bonow; *A arte de ensinar* (1964), de Gilbert Highet; *Fundamentos de Sociologia* (1963), de A. Carneiro Leão; *A orientação profissional e as carreiras liberais* (1962), de Léon Walther; *Psicologia Geral* (1964), de Emilio Mira y López; e *Problemas da meninice* (1967); *Problemas da infância* (1956); *Problemas da mocidade* (1967); *Problemas da adolescência* (1965), de Ofélia Boisson Cardoso.

ao rigor científico da área educacional e na área da leitura para crianças e jovens no Brasil.

Diante disso, entendo que, principalmente com esse livro, Arroyo propicia a criação de um “campo de pesquisa” *sobre* a literatura infantil no Brasil quando apresenta o que existia nessa área e o que ainda não havia sido estudado, como livros, autores, editoras e períodos específicos. Além das fontes apresentadas e da organização histórica que propõe, Arroyo contribui para pensar o conceito de literatura infantil e a relação entre os aspectos didáticos e estéticos nos livros para crianças.

### **Considerações finais**

Em todos os textos *sobre* literatura infantil de Arroyo que localizei, publicados entre os anos de 1959 e 1976, aquilo que Arroyo entendia como o conceito de literatura infantil para ele nunca foi formulado de forma explícita em nenhum de seus textos. Por meio das fontes documentais que analisei, é possível observar que Arroyo não demonstrava preocupação de definir valorativamente a literatura infantil, pois a entendia a partir de um conceito amplo que abarcava a produção oral, os livros de leitura, a literatura escolar, e, depois, o que chamou de “literatura infantil” com base nos livros do escritor Monteiro Lobato.

Assim, para Arroyo, a literatura infantil não era uma só e precisava ser compreendida como produto cultural de uma época. Atribuía a ela [literatura infantil] um conceito amplo, divergente, mas integralizador, vinculada a ideia de “progresso” e “evolução” da cultura, assim como entendida por Azevedo em *A cultura brasileira*

(1943). Nesse sentido, as definições rígidas não eram relevantes para ele e, de certo modo, atrapalhavam a compreensão histórica sobre o processo de formação de nossa literatura infantil.

Conforme afirmei, embora ele não defendesse explicitamente o seu conceito de literatura infantil em nenhum de seus textos, esse conceito evolutivo pode ser observado no conjunto de sua produção *de e sobre* literatura infantil, ao considerar que teríamos atingido grande valor estético com a obra de Monteiro Lobato. Como um sujeito apaixonado pela cultura brasileira, Arroyo reconhecia a literatura infantil como um produto cultural destinado ao público infantil e juvenil, e que, por isso, oscilava com o tempo.

Pelo seu olhar de historiador, Arroyo observava a literatura infantil a partir dessa multiplicidade, pois para ele, estava claro a dinâmica transformadora da literatura infantil e as interferências culturais e educacionais de cada período que fizeram com que certo tipo de texto desse início a outro e assim sucessivamente, como resultado da produção cultural de uma época.

Embora não tivesse relação direta com a educação, como no caso dos professores com quem dialogava: Lourenço Filho, Cecília Meireles, Fernando de Azevedo, Nazira Salem e Lenyra Fracarolli, torna-se inegável o lugar ocupado por Arroyo nos estudos sobre esse tema, como também o fato de que *Literatura infantil brasileira* (1968) tornou-se o maior legado de Arroyo para os seus pósteros, como no caso de Marisa Lajolo e Regina Zilberman que se tornaram expoentes na pesquisa histórica sobre o tema e, em 1984, dedicam o livro *Literatura infantil brasileira: história & história* a Arroyo: “A Leonardo Arroyo, mestre e pioneiro dos estudos de literatura infantil brasileira, dedicamos este livro”.

Assim, ao reunir catálogos antigos, livros, jornais, revistas e depoimentos, Arroyo ordenou e estruturou esses fios soltos da história, escrevendo uma versão não contestada e ainda perpetuada da literatura infantil brasileira. O trabalho de “coordenadas pioneiras” e que “não pretendia ser obra definitiva” tornou-se estrutura sólida com a qual seus pósteros puderam continuar consolidando a ponte com o passado na busca por compreender a “natureza evolutiva” (ARROYO, 1968, p. 19) da literatura infantil até os nossos dias.

## Referências

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ARROYO, Leonardo. *Você foi à Bahia?* São Paulo: Melhoramentos, 1950a.

ARROYO, Leonardo. *História do Galo*. São Paulo: Melhoramentos, 1950b.

ARROYO, Leonardo. *Histórias do Galo e do Candimba*. São Paulo: Melhoramentos, 1961, 61 p. (Coleção Verdes Anos). (APL)

ARROYO, Leonardo. *Olavo Bilac*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952, 43 p. (Coleção Grandes vultos das letras; 3)

ARROYO, Leonardo. *O Tempo e o modo*. (Literatura infantil e outras notas). São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1963, 170 p. (Coleção Ensaio; 25)

ARROYO, Leonardo. *Agravos do tempo*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Cultura, 1976, 142p. (Coleção Ensaio; 84)

ARROYO, Leonardo *et al.* *Roberto Fúlton*. São Paulo: Donato Editora, 1960. 362 p. (Coleção Inventores; Grandes Vocações; 3)

ASSIS, Vivianny Bessão. *Bibliografia de Leonardo Arroyo (1918-1985) de e sobre literatura infantil: um instrumento de pesquisa*. Marília: FFC/UNESP, 2016. (não publicado)

AZEVEDO, Fernando. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. *Sociologia – (Escola de sociologia e Política)*. vol. XIV, n. 1, mar. 1952.

AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. (Os Fundadores da USP, I)

BELLUZZO, Rosa. Prefácio. *In: ARROYO, Leonardo; BELLUZZO, Rosa. Arte da cozinha brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2013, p. 11-13.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. A produção brasileira sobre literatura infantil e juvenil. *In: ARAUJO, Doracina Aparecida de Castro. (Org.). Pesquisa em Educação: política, sociedade e tecnologia*. 1. ed. Campo Grande: UNIDERP, 2007. p. 79-89.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. *In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: a educação escolar em perspectiva histórica. Anais [...].* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LARRICK, Nancy. *Guia dos pais na escola de livros para crianças: útil também a professores e administradores escolares*. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen, Centro de bibliotecnia para o desenvolvimento, 1969.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Um livro básico sobre literatura infantil brasileira. *In: ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 36. Brasília, jul./dez. 2010, p. 111-130.

MAGNANI, Maria do Rosario Mortatti. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. *In: MONARCHA, Carlos (Org.). Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra.* Campinas (SP): Mercado de Letras; Marília: UNESP, 1997, p. 59-90.

MEIRELES, Cecília *Problemas da literatura infantil.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.

MELO, Luis Correa. *Dicionário de autores paulistas.* São Paulo: Irmãos Andriolis, 1954. (Comissão do VI Centenário da cidade de São Paulo).

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo - 1876/1994). São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Itinerários.* n. 17, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano.* Marília: FFC/UNESP, 2003. (não publicado)

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Literatura infantil e/ou juvenil: a “prima pobre” da pesquisa em Letras? *Revista Guavira Letras.* Três Lagoas, n.6, p. 43-52, 31 mar. 2008. Disponível em: <http://ceul.ufms.br/guavira/guavira1.htm>. Acesso em: 29 maio 2016.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. *Prefácio à 3ª edição do livro ‘Literatura infantil brasileira’, de Leonardo Arroyo.* São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo (1947-2003). 343f. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2014.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

SANT'ANA, Regina Angélica Cazarini. *Leonardo Arroyo: escritor e jornalista*. São José do Rio Preto: Artes Gráficas Paulista, 2002.

